

KERLLY KAROLINA ABRÃO PARIZZI

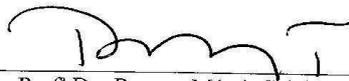
ESCRITAS E NARRATIVAS SOBRE A CULTURA ALIMENTAR NO MUNICÍPIO DE REALEZA-PR.

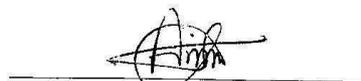
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Nutrição da Universidade Federal da Fronteira Sul.

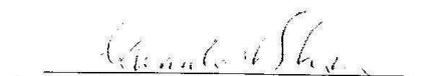
Orientador (a): Prof Ms. Eduardo Henrique Szpak Gaievski

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 6 / 12 / 2016.

BANCA EXAMINADORA


Profª Dra Rozane Márcia Triches


Prof Dr Antonio Marcos Myskiw


Prof Ms. Eduardo Henrique Szpak Gaievski

NARRATIVAS SOBRE A CULTURA ALIMENTAR NO MUNICÍPIO DE REALEZA – PR.

NARRATIVE WORKS ON FOOD CULTURE IN THE MUNICIPALITY OF REALEZA – PR

Eduardo Henrique Szpak Gaievski

Universidade Federal da Fronteira Sul. Nutricionista Mestre em Ciência dos Alimentos
FCF/USP Realeza-Pr, Brasil.

Endereço: Rua Edmundo Gaievski, 1000 - Zona Rural, Realeza - PR, 85770-000. Sala 101.

contato@alimentosauade.com

Kerlly Karolina Abrão Parizzi

Universidade Federal da Fronteira Sul. Graduanda no Curso de Nutrição. Realeza-Pr, Brasil.

Endereço: Rua Presidente Rosevelt, bairro: Padre Jozimo, número: 3555.

kerllyparizzi@hotmail.com

RESUMO

Introdução: A história é importante fonte informativa acerca da alimentação, haja vista que tal situação é claramente influenciada pelas questões sociais, culturais entre outras. A influência dos fatores mencionados observa-se ainda na maneira de aquisição e produção dos alimentos, bem como nos costumes e maneiras de realização da alimentação. O desenvolvimento da monocultura agregada com o crescimento do idealismo capitalista minoraram a relevância da agricultura familiar, fato que ocasionou mudança drástica na soberania alimentar, visto que a qualidade de vida e produção de alimentos está intimamente ligada a este modelo agrícola.

Objetivo: Resgatar e preservar o patrimônio da cultura alimentar do município de Realeza-PR, por meio de um relato histórico dos moradores mais antigos da cidade.

Metodologia: Foram realizadas entrevistas com moradores que residem há mais tempo no município de Realeza-PR e/ou que estavam envolvidos com agricultura e cultura local, com os líderes das comunidades locais da agricultura, além dos pioneiros do município.

Resultados e Discussão: Entre os entrevistados no município é significativa a presença de sentimentos nas relações alimentares, sejam por questões de desvalorização do pequeno agricultor e incorporação de produtos industrializados na alimentação, ou pelo valor agregado do simbolismo alimentar, remetendo lembranças da infância.

Conclusão: É possível observar a representação alimentar na formação da identidade familiar, do agricultor, os quais permanecem com a produção de alguns alimentos para o autoconsumo, em relação a inserção dos alimentos industrializados pode estar relacionados com a sociabilidade, onde o conformismo da alimentação atual nos distancia da diversidade e identidade local.

Palavras Chave: Cultura; Alimentação; Agricultura Familiar; História Alimentar; Patrimônio.

ABSTRACT

Introduction: History is an important information source about food, since such a situation is clearly influenced by social, cultural and other issues. The influence of the mentioned factors is still observed in the way of acquisition and production of foods, as well as in the customs and ways of carrying out the food. The development of monoculture combined with the growth of capitalist idealism has lessened the relevance of family agriculture, a fact that has led to a drastic change in food sovereignty, since quality of life and food production are closely linked to this agricultural model.

Objective: To rescue and preserve the food culture patrimony of the municipality of Realeza-Pr, through a historical account of the oldest inhabitants of the city.

Methodology: Interviews were carried out with residents who lived in the municipality of Realeza-PR and / or who were involved with agriculture and local culture, with the leaders of the local farming communities, as well as the pioneers of the municipality.

Results And Discussion: Among those interviewed in the municipality, the presence of feelings in food relations is significant, whether due to the devaluation of the small farmer and the incorporation of industrialized products in food, or the added value of food symbolism, recalling childhood memories.

Conclusion: It is possible to observe the food representation in the formation of the family identity of the farmer, which remains with the production of some foods for self-consumption, in relation to the insertion of the industrialized foods may be related to the sociability, where the current food conformism Distances us from local diversity and identity.

Key-words: Culture; Feeding; Family farming; Food History; Resource.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios com o surgimento da Terra, o homem precisava se movimentar e usar de sua locomoção, juntamente com os demais aglomerados humanos, para suprir suas necessidades, que dentre outras, a mais básica era a alimentação, que era basicamente de origem animal, ou seja, o Homem primitivo (hominídeo) era um caçador (Navarro, 2006).

Ao decorrer da história, a comunicação foi fator preponderante no desenvolvimento, dispersão e migração dos homens. Caçadores, os quais desbravaram primordialmente o local, usaram o artifício da linguagem simbólica como forma de manutenção e evolução de suas atividades (Gaspar, 2004).

Para Carneiro (2003) “a história da alimentação abrange mais do que a história dos alimentos, o que se come é tão importante quanto, quando se come, onde se come, como se come e com quem se come, “Dize-me o que comes e te direi quem és”. A história da alimentação nos fornece informações valiosas em torno do alimentar-se, as quais moldam a identidade de uma sociedade, sejam por questões sociais, estilos de vida, religião, cultura ou um fato (Reinhardt, 2000).

O ato de alimentar-se nunca será caracterizado individualmente, uma vez que o mesmo é a origem da socialização, criou-se a partir da partilha de alimentos e de suas formas conjuntas para obtenção da refeição, com isso desenvolveu-se não apenas utensílios para caça, mas a própria linguagem (Carneiro, 2005). Desta forma a história da alimentação “[...] abrange ao menos quatro grandes aspectos: os aspectos fisiológico-nutricionais, a história econômica, os conflitos na divisão social e a história cultural” (Carneiro, 2003, p. 10).

As cozinhas locais, regionais, nacionais e internacionais são produtos da miscigenação cultural, fazendo com que as culinárias revelem vestígios das trocas culturais. Hoje, os estudos sobre a comida e a alimentação invadem as Ciências Humanas a partir da premissa de que a formação do gosto alimentar não se dá, exclusivamente, pelo seu aspecto nutricional, biológico. O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social (Santos, 2005, p.12).

No mundo em que vivemos possui fatores climáticos e culturais muito diversificados, os quais interferem diretamente no modo de vida dos habitantes de cada região ou sistema. Consequentemente há influência direta de tais fatores nos hábitos alimentares da população,

tanto na maneira de adquirir ou produzir os alimentos quanto nos costumes e modos de realizar a alimentação (Abreu *et al*, 2001).

O desenvolvimento gradual da monocultura e o crescimento da apropriação capitalista tornaram a agricultura familiar uma atividade com importância e avanços minorados. Tal situação elucidada coloca em risco a manutenção dos territórios camponeses bem como a soberania alimentar do país. A disponibilidade dos alimentos não garante o acesso a todos que dele necessitam, portanto, a máxima de que o excedente global dos alimentos não gera segurança alimentar é totalmente verdadeira (Bueno; Souza, 2011; Abreu *et al*, 2001).

É um direito do ser humano ter acesso a alimentos, que primeiramente não prejudiquem a saúde, devem ser saudáveis, limpos de agrotóxicos, por isso um alerta a produtores de alimentos o que veem apenas como mercadoria para extração de lucros, os alimentos vão além destes conceitos (Stedile, 2007). Pensando dentro deste contexto, a união entre agricultores e consumidores faz-se necessária, uma vez que a qualidade de vida está intimamente relacionada a estes modelos agrícolas e sua função ambiental. Logo é responsabilidade do consumidor apoiar esse tipo de agricultura familiar, visto que essa economia tem menores problemas sociais e menos impactos ambientais, automaticamente, mais saudável (Marques, 2010).

As condições de vida e de trabalho dos agricultores familiares e camponeses são fatores que fundamentam a soberania alimentar, uma vez que estes interferem diretamente na produção adequada de alimentos, que devem possuir qualidade, diversidade, além de serem ambientalmente sustentáveis e adequados a cultura local (Paraná, 2013).

Visto isso, muitos fatores associam-se e interferem no ato de se alimentar, não é uma escolha exclusiva do sujeito, questões ambientais, socioeconômicas, demográficas e políticas interferem positivamente ou negativamente no consumo do ser humano (Brasil, 2015). Portanto, a comida pode ser entendida como uma expressão representativa de uma cultura, linguagem, relações sociais, um movimento que une família, trabalho e altera as diversas visões sobre o mundo (Menasche *et al*, 2008).

É o que traz a identidade de uma sociedade, fortifica e reestabelece uma cultura, para Brasil (2015) “estão relacionados à identidade e ao sentimento de pertencimento social das pessoas e envolvem, ainda, aspectos relacionados ao tempo e à atenção dedicados a essas atividades”. Portanto, não se refere apenas ao comer, mas com quem o fazemos, qual ritual e tradição adquirimos.

Nosso patrimônio alimentar é resultado do diálogo histórico entre culturas diversas como a dos povos indígenas, dos migrantes forçados da África e das populações migrantes portuguesa, espanhola, italiana e japonesa, entre outras. Somado a isso, os distintos biomas que compõem nosso país proporcionam uma valiosa biodiversidade, expressa pela variedade de frutas, verduras, legumes, sementes oleaginosas, cereais e leguminosas, contribuindo não apenas para o nosso patrimônio culinário, mas também com uma imensa disponibilidade de variados nutrientes. (Brasil, 2015, p. 10)

Pressupõe-se a existência de doenças relacionadas aos maus hábitos de consumo alimentar, tais como sobrepeso, obesidade, diabetes mellitus e hipertensão arterial, decorrente de uma dieta rica em açúcares e gorduras, devido ao aumento de alimentos industrializados e diminuição de alimentos provenientes da agricultura. Logo busca-se estas alterações nos hábitos alimentares que ocorreram com o passar dos anos na população por meio de uma problemática baseada em relatos alimentares dos moradores do Sudoeste do Paraná, no município de Realeza. Portanto, o presente estudo tem como objetivo resgatar e preservar o patrimônio da cultura alimentar do município de Realeza, situada no Sudoeste do Paraná, por meio de um relato histórico dos moradores mais antigos da cidade.

MÉTODOS

O estudo em questão refere-se a uma pesquisa de caráter qualitativo. Onde Godoy (1995) relata que a pesquisa qualitativa define diversas possibilidades para o estudo de fenômenos envolvendo os seres humanos e suas intrínsecas relações sociais. A caracterização da população que para Gil (2002) “é definida como um conjugado de elementos com determinadas características comuns”, portanto, para o presente estudo ocorreu à identificação, por meio de indicação de próprios moradores do município, onde totalizou-se aproximadamente 18 pessoas, as quais estão envolvidas com a agricultura e cultura local, com os líderes das comunidades locais da agricultura, além dos pioneiros do município de Realeza PR.

É de real importância nos atentar a esses grupos populacionais que para Wanderley (2000) “Existem no Brasil 33.997.406 pessoas que vivem no meio rural, o que corresponde a 21,6% da população total do país”, os quais tem suas bases fundiárias lutando pela sobrevivência da agricultura familiar e pela cultura da família no campo, onde precisam competir com recursos e condições a favorecer a grande produção (CARNEIRO, 1997).

Foram realizadas entrevistas, no período de 29 de setembro de 2016 a 22 de outubro de 2016, com moradores que residem há mais tempo no município de Realeza-PR e/ou que estavam envolvidos com agricultura e cultura local, com os líderes das comunidades locais da agricultura, além dos pioneiros do município, os quais demonstraram interesse em participação da pesquisa. Logo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como Termo de autorização de Gravação de Voz. A entrevista ocorreu de forma aberta e por meio de uma conversa informal, onde as pessoas relataram sobre sua alimentação desde o início da moradia no município até os dias atuais e outros aspectos que estavam relacionados com a mesma.

Utilizou-se um roteiro de perguntas, elaborado pela pesquisadora com base no tema proposto, visando atingir o objetivo escolhido para o direcionamento da entrevista e para que fosse possível coleta de maiores informações sobre os entrevistados em questão. Durante a entrevista utilizou-se gravador de voz para armazenar as informações disponibilizadas pelos participantes, estes receberam um número, onde o mesmo servirá para identificar as transcrições das gravações, cumpre ressaltar que as identidades participantes serão mantidas em sigilo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A desvalorização do agricultor familiar

“Nós nos sentimos mal com a desvalorização do agricultor, porque tudo o que vem pra cidade, vem do agricultor. Minha melhor recordação é da gente, do meu pai e dos meus irmãos plantando na terra, sem adubo, tudo sem veneno, era orgânico”.

As relações sociais representativas das famílias rurais são caracterizadas por seus valores, os quais são repassados de pai para filho, assim como a terra, que é entendida não apenas como meio de produção, mas como patrimônio familiar, conquistado a partir de um trabalho de toda uma família (Weding, 2009). Em relato exposto, é visível o sentimento elucidado nas dimensões do plantio familiar, as quais foram perdendo espaço para os produtos vindos de grandes centros, as cidades.

“É revoltante o agricultor familiar não ter valor, tudo que se produz e comprado no mercado tem agrotóxico. Onde moro, somente eu produzo alimentos, todos os proprietários em redor produzem gado ou vaca de leite, não produzem mais nada”

Torna-se cada vez mais escassa a produção do pequeno agricultor, uma vez que o maior fator determinante para a sua produção é o mercado, o qual prioriza os seus interesses, fazendo uso da sua “força” para estipular o que deverá ser plantado, como será plantado e ainda a quanto será comercializado (Gazolla, 2004).

“A valorização dos produtos vindos do mercado, é um erro do agricultor mesmo, que em vez de utilizar os produtos da roça dele ele vem buscar no supermercado, e ele busca o veneno, e esta levando esse veneno para dentro da panela”.

Para Menasche; Marques; Zanetti (2008) a recusa das pessoas, entre elas o próprio agricultor, não envolve apenas o alimento, mas sim o estilo de vida no meio rural, trata-se de uma geração que pretende deixar o campo, manifestando uma rejeição à identidade do “colono”, podendo justificar esta procura do agricultor por alimentos provenientes de supermercados. O trabalho do agricultor familiar consolida-se a partir de técnicas específicas, ditas como “camponesas”, as quais muitas vezes são relacionadas com retrocesso, tornando-o um ser inferior aos olhos da sociedade (Moreira, 1997). Estas técnicas estão associadas ao atraso e ignorância, aumentando a demanda pela modernização tecnológica da agricultura familiar (Moreira, 1997). Sociedades com menor aglomerado populacional são os mais afetados pelo êxodo rural, sendo este fato irreversível em decorrência da estrutura fundiária imposta no país (Wanderley, 2000).

“O que acontece agora é a desvalorização do agricultor familiar, onde ele acaba deixando sua propriedade, vendendo para grandes proprietários de terra, existe uma grande evasão do homem do campo para a cidade, sendo isso uma ida sem volta. Deve haver por parte das entidades, poder público, um trabalho para o agricultor ter um incentivo permanecer no campo, já que esse é um dos melhores lugares para a gente viver”.

Alterações no Hábito Alimentar na População Realezense

De acordo com pesquisas realizadas ocorreu diminuição de produtos in natura e aumento de produtos industrializados, a inserção destes hábitos alimentares, provenientes de outros continentes, compromete o padrão alimentar tradicional, além dos riscos para a saúde (Tardido; Falcão, 2006).

“Os alimentos que consumo hoje e venho comprar na cidade são o arroz, que antigamente não se comprava, nós produzia, a farinha de trigo, também compro no mercado, e poderia produzir em casa. Compramos mortadela, sazón, azeite, vinagre”.

Conforme Bleil (1998) afirma um novo padrão alimentar está se delineando, com prejuízo dos produtos tradicionais da dieta, como por exemplo, o feijão e a farinha de mandioca, e a favor de produtos industrializados e com maior valor agregado. Esta afirmativa consolida-se em relato de morador do município.

“Antigamente não tinha o consumo desses produtos industrializados, era mais consumido a mandioca, polenta, carne de porco e galinha caipira. O consumo de carne de boi era apenas nos finais de semana”. Em outro relato semelhante, com ênfase em produtos cárneos *“Na alimentação de antigamente, o frango e o gado eram criados solto, e hoje em dia são criados presos, em confinamento, recebem muitos hormônios, e isso prejudica a saúde”.*

Em dissertativa observa-se a discreta inserção de produtos industrializados na alimentação da população, os quais tem seu consumo altamente intensificado, uma vez que sua forma física e aparência disfarçam as técnicas industriais utilizadas nestes produtos, a fim de aumentar a semelhança com produtos de safras prontamente identificáveis e alimentos in natura (Menasche e col, 2008).

“Lembro que se ia para a “cidade” comprar querosene, sal e café, isso quando minha mãe não fazia o café de inhame, torrava o inhame e fazia o café. Hoje já compramos mais coisas no mercado, como refrigerante, mortadela e misturas para o pão”.

A pressão publicitária na formação do gosto nas diferentes culturas, bem como status e o prestígio intrínsecos nos alimentos, são fatores que alteram as escolhas alimentares (Bleil, 1998). Segundo Leonardo (2009) “comemos por prazer e não pelo que aquele alimento representa nutricionalmente”, esta é a base da cultura alimentar em território nacional, especificamente na região sudoeste do Paraná, alimenta-se por prazer, abstendo-se do valor nutricional dos alimentos.

“Hoje em dia ainda consumimos esses alimentos, alguns deixamos de produzir como o trigo e o arroz, que são comprados no supermercado, às vezes compramos o feijão também. Mas a maioria do que é consumido ainda é produzido na terra, lá na minha propriedade, que tem os animais que matamos para o nosso consumo. Compramos no mercado, salgadinho, bolacha e refrigerante, não muito, mas compramos”.

Conforme relato de morador realezense, é de extrema validade ressaltar que alguns alimentos estão fortemente conectados a uma cultura, resistindo às pressões das conquistas, à colonização, alteração social, às revoluções técnicas, e, em alguns momentos até à industrialização e à urbanização (Bleil, 1998).

Memórias Alimentares

É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] è um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.[...] O que interessa do cotidiano é o invisível” (Victoria apoud Certeau, 1996 p.31)

Para Corção (2014) o conjunto de fatores composto a partir da sabedoria adquirida ao plantar, a prática adotada do colher, as técnicas específicas de conservar, assim como o ritual de preparação e de servir refeições, juntamente com o prazer gerado ao alimentar-se unidos, o que remete ao sentimento intrínseco, distanciando tal ato de apenas ingerir alimentos, distancia-se fato de apenas ingerir alimentos. Mencionada situação, é verificada no constante do relato da produtora realezense, ao fazer de um prato de massa, sua melhor recordação.

“A lembrança de alimentação na infância era dos domingos em família, onde a nona fazia tortei, coisa que a gente nunca esquece, eu queria cultivar isso, da reunião da família para almoçar todo mundo juntos”.

De acordo com Dias (2012) no ambiente rural, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A união e o afeto que antes pairavam as refeições entre familiares e amigos, fica em um segundo plano, valoriza-se a presença de eletrônicos, eletrodomésticos e os livros, além destes não ser uma companhia agradável, torna-se um fato onde o que é consumido, não é percebido (Bleil, 1998).

“A lembrança que tenho é da época de quando meu pai ainda era vivo, e nos finais de semanas cada vez um filho fazia o almoço de família no domingo. Fazíamos mesmo o macarrão caseiro, pra comer junto com frango caipira. E hoje em dia fizemos a mesma coisa, tento manter essa tradição com os meus filhos”.

Como observado em relato de agricultor, é possível observar as memórias entrelaçadas as tradições alimentares, as quais perpetuam até os dias atuais, semelhante a discurso de Alves (2010)

Memórias é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem a expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente por imitação ou de outras maneiras (Alves, 2010).

“Quando nós éramos pequenos, e tínhamos dificuldades para comer, a minha mãe sempre falava, vamos trabalhar, vamos caprichar, para fim de ano termos pão branco, bolacha e cuca. Era esses alimentos que tínhamos no natal, sendo que quando chegava nessa época, eu e mais 3 irmãos meus ajudávamos a mãe a produzir esse pão branco, bolacha e cuca, eu sempre lembro disso”

Para Silva (2011) esses discursos, insistem na identidade, no singular, não abrindo espaço para a multiplicidade de outras “maneiras de fazer” que compõem a cidade contemporânea. O patrimônio alimentar é herdado do passado, ou simplesmente criado no presente, baseando-se no reconhecimento de identidade que os indivíduos se caracterizam (Silva, 2011). Nas comunidades rurais aproveitam, em suas inúmeras receitas, tudo que têm no quintal, como ovos, mandioca, milho, além do polvilho e do fubá feitos nas propriedades, sendo este fato característico, remetendo a identidade do colono (Abdala, 2011).

“Uma coisa marcante que eu lembro de antigamente, é que a mamãe acordava cedo tirava o leite da vaca e fazia uma polenta bem grande e colocava em um panaro, que é uma tabua redonda e depois cortava-se aquela polenta com fio de linha, bem certinho. Ai comíamos aquela polenta com leite e também, a mãe gostava muito de fazer cuca, bolacha, quando era perto do natal, na páscoa por exemplo, a mãe fazia as bolachinhas pintadas e cada um de nós fazíamos uma bonequinha, a gente colocava o narizinho com grão de milho e os olhinhos com grão de feijão e aquele que obedecesse mais, se comportasse e colaborasse em todas as atividades, a mãe dava uma bonequinha maior”

As manifestações culturais não estão refletidas em bens materiais, trata-se de algo impalpável, faz-se referência aos valores, modos de vida, significâncias simbólicas, como fatores para construção da identidade das tradições alimentares (Abdala, 2011). Afirmativa consolidada em relatos de moradores do município de Realeza, fazendo referência ao amor relacionado a cozinha tradicional.

“A lembrança que se tem da infância, é o pão caseiro comido com banha, pão com melado. Não tem ninguém doente na família por comer isso. Eu acho que deve haver um amor pela comida caseira, já que isso é tudo”, outra moradora do município complementa *“A alimentação deve ser prazerosa, com amor e gostar de cozinhar”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema capitalista de produção destaca-se pela busca avançada com intuito de sua própria expansão. Sabe-se que as cidades representam o centro do sistema capitalista, porém, atualmente tal expansão no meio rural, vem se desenvolvendo rapidamente, incluindo os processos que constituem a agricultura familiar. Cumpre ressaltar também, que o rural vem passando por profundas modificações, por ocorrência da expansão urbana com inserção do idealismo capitalista na produção familiar, a sociedade perde seu lado agrário para o urbano. Contudo, é possível observar a presença do simbolismo da agricultura em meio a esta transição pela qual os pequenos produtores vem passando, preservar a representação alimentar na formação da identidade familiar, do agricultor, os quais lutam para permanecerem com a produção de alguns alimentos para o autoconsumo.

Em relação à inserção dos alimentos industrializados podem estar relacionados com a sociabilidade imposta pelo meio em que vivemos e pela degradação do valor agregado ao ato de preparar o alimento, a refeição, optando por produtos fáceis e práticos para o cotidiano familiar. Visto isso observa-se a seriedade no resgate alimentar do município, reforçando a importância que o pequeno agricultor e seu conhecimento empírico somados as experiências alimentares exercem em uma sociedade, pois este é patrimônio que transpassa gerações. Ao concluir este estudo torna-se imprescindível um avanço de estudos na área da alimentação, com foco na cultura e tradição alimentar, uma vez que o conformismo da alimentação atual nos distancia da diversidade e identidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Mônica Chaves. Saberes E Sabores: Tradições culturais Populares Do Interior de Minas E De Goiás. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 54, n. 23, p.125-158, jun. 2011.

ABREU, Edeli Simioni de et al. ALIMENTAÇÃO MUNDIAL - UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 2, n. 10, p.3-14, 2001.

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 3, dez. 2010.

BLEIL, Susana Inez. O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. **Cadernos de Debate**, Brasília, v. 6, n. 24, p.1-25, dez. 1998.

BRASIL, 5º Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Comida de Verdade no Campo e na Cidade: por direitos e soberania alimentar. **Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**, Brasília, junho 2015.

BUENO, Tobias; SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. Modernização Agrícola, Soberania Alimentar E Agroecologia: algumas reflexões a partir do município de Goiás-GO. **Anais do Simpósio Nacional Espaço, Economia e Políticas Públicas**, Goiás, v. 1, n. 1, out. 2011.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: uma história de alimentação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CARNEIRO, Henrique S.. **Comida E Sociedade: Significados Sociais Na História Da Alimentação**. 2005. 9 f. - Curso de História, Ufpr, Curitiba, 2005.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

CORÇÃO, Mariana. **Câmara Cascudo, O “Provinciano Incurável”: Desvendando Os Caminhos De História Da Alimentação No Brasil**. 2014. 281 f. Monografia, Pós Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

DIAS, Monica Nazaré Picanço. Saberes Tradicionais Dos Povos Amazônicos E Meio Ambiente: A Complexidade Da Proteção Jurídica. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Itajaí, v. 7, n. 34, p.2305-2335, dez. 2012. Disponível em: <www.univali.br/direitoepolitica>. Acesso em: 05 nov. 2016.

GASPAR, Maria Dulce. Cultura: Comunicação, Arte, Oralidade Na Pré-História Do Brasil. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 14, p.153-168, 2004.

GAZOLLA, Marcio. **Agricultura Familiar, Segurança Alimentar e Políticas Públicas: Uma análise a partir da produção para o autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. 306 f. Monografia, Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LEONARDO, Maria. Antropologia Da Alimentação. **Revista Antropos**, Minas Gerais, v. 3, n. 5, p.1-6, dez. 2009.

MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. Embates em torno da segurança e soberania alimentar: estudo de perspectivas concorrentes. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 2, n. 17, p.78-87. 2010.

MENASCHE, Renata; MARQUES, Flávia Charão; ZANETTI, Cândida. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21, n. 13, p.145-158, ago. 2008.

MOREIRA, Roberto José. Agricultura familiar e sustentabilidade: valorização e desvalorização econômica e cultural das técnicas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 18, p.51-69, abr. 1997.

NAVARRO, R. F.. A Evolução dos Materiais. Parte1: da Pré-história ao Início da Era Moderna. **Revista Eletrônica de Materiais e Processos**, Campina Grande, v. 1, n. 1, p.01-11, jun. 2006.

PARANÁ. **Referencial Teórico e Metodológico para Implantação da Política e do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional nos Municípios**. A Experiência Do Paraná. Curitiba, 2013.

REINHARDT, Juliana Cristina. História e alimentação: uma nova perspectiva. **Revista Vernáculo**, Curitiba, v. 3, n. 12, p.1-12, 2000.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A Alimentação E Seu Lugar Na História: Os Tempos Da Memória Gustativa. **História: Questões & Debates.**, Curitiba, n. 20, p.11-31, 2005.

SILVA, Janine Gomes da. Xxvi Simpósio Nacional De História – ANPUH, 2011. **Memórias Femininas, Identidades E Patrimônio Alimentar: Histórias Sobre A Região De Joinville/Sc**. São Paulo, 2011. 8 p.

STEDILE, João Pedro. Soberania Alimentar. **Gastronomia e Identidade Cultural: COLETÂNEA DE TEXTOS EDUCANDOS**, Florianópolis, v. 1, n. 52, p.32, mar. 2007.

TARDIDO, Ana Paula; FALCÃO, Mário Cícero. O impacto da modernização na transição nutricional e obesidade. **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, São Paulo, v. 2, n. 21, p.117-124, abr. 2006.

WEDING, Josiane Carine. **Agricultores e Agricultoras à mesa: Um estudo sobre campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação**. 2009. 167 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.